

DESGRANDEZA: A ESCRITA DA DESCONSTRUÇÃO

KALLARRARI, Celso. *Desgrandeza*. Itabuna, Ba: Mondrongo, 2019.

Valci Vieira dos Santos²

Desgrandeza, o segundo romance de Celso Kallarrari, já pelo título anuncia proposição reincidente a respeito de certa impropriedade da literatura (o estranhamento, o desajuste, o descentramento, a inquietação, o fingimento, o assombro...), ao colocar nas mãos de seu leitor uma obra literária que constantemente o incita e o provoca diante de uma escrita que não o permite nem o admite passivo. Kallarrari, em verdade, através dos inúmeros vocativos que atravessam o seu texto, convida o leitor a assinar um pacto tácito com ele, com o devido cuidado diante de uma escritura que se caracteriza por não ser uma declaração incomum, muito menos presa a conceitos que se querem inelásticos, estoicos.

A bem da verdade, o seu leitor precisa ficar bastante atento às estratégias textuais, ainda que o narrador se mostre escrupuloso ao pedir perdão pelas idas e vindas de um texto atravessado por estilhaços, pedaços, por um “corpus esquarterado”, costurado por uma linguagem isenta de “manobras persuasivas”. Não seriam, mesmo, “manobras persuasivas”, em lugar de “apenas reflexões?”

Mas o título não é o único aspecto que chama a atenção do leitor para o que está à sua espera. Numa obra convencional, geralmente lida por leitores também convencionais, sua estrutura se desenvolve a partir de um sumário que exhibe uma cronologia que se quer pretensamente lógica. Este não é o caso de *Desgrandeza*. Há uma tendência de se instaurar, *incontinenti*, no seio de seu leitor, um estado psicológico de estranheza, deslocamento, desnorteio, já que ele pode se sentir perdido, sem o seu pretenso guia. Se bem que o leitor de *Desgrandeza* é alertado o tempo todo para os percalços que pode encontrar durante a sua leitura, inclusive com a formalização de pedidos para que não o julguem nem o condenem, em face de uma narrativa traumática, que se estrutura com base em “parágrafos tecidos pela dor e recordação”.

² Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras-PPGL, da Universidade Federal do Espírito Santo-UFES. Doutor em Estudos Literários/Literatura Comparada (UFF); Professor Titular na Universidade do Estado da Bahia-UNEB e na Faculdade do Sul da Bahia-FASB; pesquisador do Grupo de Estudos GEICEL, com as linhas de pesquisa: Literatura: Crítica, Memória, Culturas e Sociedade; Língua: Linguagens, Significação e Identidade, da UNEB; pesquisador do Grupo de Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras-PLLB, vinculado ao Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro e à Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ. E-mail: valci@ffassis.edu.br

Além destes pedidos, convites outros também são feitos ao “leitor amigo”, “leitor virtual”, “leitor anônimo”, “leitor internauta”, de modo que possam ajudá-lo em seu processo de escritura, escritura esta vazada pelas ações de “homens-homens”, “homens-cães”, “homens-frustrados”, “homens-lobos”, “homens-feras”, “homens-pedras” e “homens-caos”, com seus “eus” que lutam contra o seu permanente estado de desgrandecimento, que enfrentam forças contrárias, estejam elas a serviço do bem ou do mal, atuando para o desfazimento de discursos ideológicos, práticas alienadoras, ou atitudes e comportamentos que impedem que sonhos e planos sejam concretizados. No texto, todos esses homens estão à disposição de um leitor curioso, inquieto, desassossegado, inquiridor, louco para descobrir em que mundos eles habitam.

À medida que o leitor passa a conviver com os fios que entretecem a narrativa de *Desgrandeza*, mais ele sente a necessidade de tornar esse pacto, que firmou com o autor, em algum momento, um acordo sólido, já que o texto se apresenta como uma teia cujo emaranhado de elasticidades exige dele atenção redobrada quanto à narrativa de uma história nada convencional, calcada numa trama engenhosamente bem escrita, reveladora de um cuidado com a construção de sentidos das palavras, expressões e conteúdo, os quais flagrantemente não são escolhidos de modo aleatório; ao contrário, cada elemento distribuído por entre as linhas que enformam o tecido literário é minuciosamente selecionado, a fim de que o resultado a ser obtido seja concebido como arte. Ademais, a escrita é caracterizada sobretudo pelo requinte de uma textualidade que prima pela observância dos recursos linguísticos, estilísticos e estéticos, provocando, ainda mais, no leitor, aquele estado de perda, de desconforto, proporcionado pela leitura de fruição de que nos fala Barthes.

Há temas que nunca saem da ordem do dia. São insistentes por natureza. É exatamente essa essencialidade que os torna sempre desejados e atuais. O espaço literário sabe muito bem disso. E, por isso mesmo, se apropria deles com muita avidez. No campo temático, o romance (ou seriam memórias? Confissões? Relato biográfico?) de Kallarrari é construído a partir sobretudo de dois pilares que dão sustentação ao seu edifício literário: o celibato e o Regime Militar.

O primeiro mote ganha espaço ainda mais na narrativa, com o relacionamento amoroso proibido entre Teófilo, frei dominicano e também narrador, e Bárbara, seu eterno amor. Tal relacionamento enfrenta a fúria das leis do celibato, historicamente preconizadas pela Igreja Católica, cujo fito diz respeito à preservação de seus dogmas e doutrinas, e por isso mesmo se torna capaz de cercar um grande amor perseguido pelo preconceito, pelas raízes enviesadas das tradições familiares e religiosas. O segundo, ou seja, o Regime Militar, ganha mais força e espaço por entre os fios tecidos ao longo do texto, uma vez que ele serve de combustão para as várias reflexões que *Desgrandeza* proporciona ao leitor, colocando-o em permanente estado de prontidão em face da pluralidade de informações de cunho histórico, social e político.

Tanto o mote do celibato quanto o do Regime Militar oferecem várias possibilidades de leitura, a depender do conhecimento prévio do leitor e de sua capacidade para se envolver no emaranhado de temas e motivos que o texto coloca à sua disposição. Dentre eles, a construção de perfis das personagens Teófilo e Bárbara não pode passar incólume, dada a sua relevância para a compreensão da tensão que se estabelece entre estas personagens ao longo de toda a narrativa.

Teófilo é uma personagem que vive envolta em seus conflitos e angústias. Seu discurso é marcado pelo “desejo do proibido de amar e ser amado” e pelas amarras que envolvem o seu “eu” desde quando nasceu, já que fora prometido à Igreja, para o exercício do sacerdócio. Autointitula-se um sujeito errante, que há anos vive sem rumo, incapaz de enfrentar os sistemas religioso e político, materializados, de um lado, numa Igreja machista, patriarcal, dogmática, bem como numa sociedade que historicamente se prende às amarras do conservadorismo; de outro, a existência de um regime militar que passa a controlar o direito de ir e vir de civis, além do cerceamento de expressão sob as mais diversas formas.

Teófilo é, pois, esse sujeito social que não se posiciona com veemência diante de forças contraditórias e castradoras; ao contrário de seu grande amor, Bárbara, que não se queda facilmente em face de percalços e óbices que cruzam o seu caminho, sejam eles quais forem não importando a sua natureza.

Bárbara, consoante as próprias palavras de Teófilo, é “audaciosa e relutante, [que] desafiava o poder hierárquico das duas tradições modernas, a Igreja e o exército” (p. 81). Ela representa a atitude transgressora, o símbolo da resistência. Até o seu nome, que guarda similaridades com o vocábulo “bérberes”, o qual, por sua vez, significa “homens livres” ou “homens nobres”, nos remete a essa personagem forte, audaciosa, capaz de enfrentar o poder opressor de instituições seculares, para ter a sua liberdade assegurada. Aliás, quem traça magistralmente um quadro antagônico entre eles é o próprio Teófilo: “Bárbara era uma mistura, quase compreensível, de Descartes e Nietzsche. [...] Ela sempre oscilava entre a razão e a paixão. [...] Havia, nela, o cultivo bárbaro da vingança, de uma vingança determinada de deuses mais bárbara que a dos homens-cães” (p. 78), enquanto “que sou este texto deformado, remendado” (p. 255).

É digno de nota, em *Desgrandeza*, a construção de personagens femininas representativas de determinação, de espírito combativo, geralmente movidas por uma força interior que não as permite serem passivas, paradas num canto, chorando e lamuriando por causas consideradas muitas vezes perdidas; ao contrário, são mulheres que se posicionam firmemente diante das adversidades. Além da figura de Bárbara, ilustrativa desse perfil feminino, outro exemplo que merece registro é a mãe do narrador, cujas feições, *a priori*, podem parecer frágeis e conformadas, mas, em verdade, são reveladoras de uma força estranha que a move sorrateiramente diante de quadros de dor e de sofrimento. Quem a define bem – e não poderia ser diferente –, é o próprio Teófilo: “Ela é um navio submerso, intranquila e trágica” (p. 210), capaz de curá-lo de si mesmo, de sua *desgrandeza*.

Merece relevo, também, por outro lado, agora já com ares de últimas considerações, a força que a escrita exerce nas mãos do narrador. Sua vida, sua história e sua linha do tempo ganham, dessa forma, musculatura em uma escrita que tenta “atar as duas pontas”, as pontas da vida pretérita e da vida presente. Sua escrita se transforma numa navalha que dilacera, que se compara a um instrumento pérfuro-cortante à disposição das mãos hábeis de um perito.

A escrita, para o narrador, passa a significar um mundo de possibilidades. Ele a possui como forma de acionar a força que os “homens-homens” exercem em cada um de nós. A escrita compara-se a esses “homens-homens” que não se quedam com facilidade em face de “marcas ardentes e funestas das trevas, da violência e da morte” (p. 83), ainda que ela seja um “interminável processo criativo, nesse empenho doloroso de escrever, nesse trabalho artesanal de costurar aqui, de emendar ali, de juntar tudo; as palavras, as carnes feridas, putrefatas, as lembranças fétidas, os pedaços humanos desconjuntados, as cabeças decepadas, nas guerras santas e civis da nossa história humana” (p. 31).

Motivos não faltam à figura do narrador, para que coloque em ação os fios que vão sendo entretecidos, costurados, emendados aqui e acolá, rompidos e novamente amarrados, apodrecidos e substituídos, mas que, ao final, são ensejadores da construção de um tecido que se quer forte, bem delineado, tal qual aquela peça que possui mais fibra natural em sua composição (seda, algodão, linho, lã ou viscose), e que, por isso mesmo, apresenta-se com aspecto de fineza, pois possui maior durabilidade.

Estes motivos são habilmente elencados no texto de *Desgrandeza*, o que leva o leitor a se refletir sobre a função que cada um pode exercer sobre a sua vida, sobre a sua história, sobre a sua efetiva participação em sociedade, não apenas como mero espectador, mas como sujeito social crítico-reflexivo, capaz de intervir e se posicionar com firmeza: “Escrevo na tentativa de superar a separação e me libertar de mim mesmo [...]”; “Escrevo, porque quero desnudar as contradições dessa nação, porque quero esquecer, banir os tormentos e as lembranças dolorosas”; “E escrevo como quem quer transcender os espaços, a ordem natural, e superar o mal, a mortalidade”; “Escrevo, numa tentativa apenas de encontrar sintonia [...]”.

Ao fim (mas que fim?) de seu percurso trilhado pelas mais diferentes vias que conformam o texto, o leitor de *Desgrandeza* terá sentido o quanto esta obra literária representa esse estremecimento que nasce de interferências discursivas que colocamos em construção por outras construções, numa denúncia evidente de que não há ensinamentos ou respostas prontas para as nossas permanentes inquietações de pensamento e de atitudes. Por isso, perder ou manter a grandeza pode estar no limite subjetivo de cada ser humano que vive, a seu modo, suas próprias experiências, feitas de alegrias, dores e frustrações. *Desgrandeza* representa um mundo de possibilidades de leituras, pois o seu universo é captado a partir de “palavras amontoadas de sentimentos, quase amarradas num saco de estopa” (p. 265); a sua matéria-prima, constituída de palavras, de linguagem, é feita, em

última análise, para desestabilizar o leitor, levá-lo ao ápice da inquietude, fazê-lo enxergar sua desterritorialidade, seu estado *displaced* e desgrandecido, enfim, mostrá-lo, sem meios termos, sua mera condição humana, sua desgrandeza, e, sobretudo, que jamais deveríamos perder nossa grandeza.